

COTIDIANOS E REDES EDUCATIVAS

DEMOCRACIA NO COTIDIANO DA ESCOLA: PARA QUÊ OU PARA QUEM?

Clarissa B. Craveiro

Em meados de 2005, conheci o Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares publicado em 2004 pelo MEC. Esse programa me moveu a levantar algumas questões no que diz respeito à sua função social, buscando relacioná-las às práticas cotidianas que vivenciei no Colégio Estadual Fernando Magalhães em Niterói, no Rio de Janeiro.

Como as demais escolas da rede de ensino, o Fernando Magalhães recebeu esse material. Em conversa sobre o Programa com a diretora do colégio soube que ela não lembrava de ter recebido o material. Só depois de algum tempo percebeu que eu falava de um material que estava guardado no armário. Esse fato não me surpreendeu, tendo em vista a infinidade de cobranças e propostas que chegam à escola...

O Fernando Magalhães privilegia outras formas de participação na escola. Por que não favorecer a participação e a cultura democrática na escola a partir das ações já realizadas em cada unidade escolar ou, ao menos, possibilitar o conhecimento de outras formas de exercício democrático? É neste sentido que questiono a entrada do Programa nesta escola.

Acredito que a aproximação desse local e dos que nele participam com suas singularidades, multiplicidades e imprevisibilidades significa promover a horizontalização das relações entre os diversos saberes. Enquanto os direcionamentos do Estado, a partir de programas e políticas investirem em ações distanciadas dos sujeitos, do cotidiano escolar, sem partir do que já está sendo realizado na escola, dificilmente essas propostas serão implantadas nas escolas.

As preocupações no Fernando Magalhães são muitas, dentre elas a participação dos alunos no Grêmio Escolar, a eleição das chapas, a implantação da rádio dos alunos e negociação pelos horários da quadra de esporte nos horários de aulas vagas... Esses processos interativos nem sempre viabilizam-se sem algumas ações conflituosas ou perpassadas por momentos de tensão, mas como buscam estar permeados de espaços de discussão, acabam por gerar relações de respeito ao indivíduo dentro de cada grupo.

É neste sentido que acredito que os processos interativos ocorrem, modificando coisas e perfis, tornando-se realmente significativos para os que deles fazem parte e respondendo às necessidades locais.

No cotidiano do Fernando Magalhães e nas ações da diretora, percebo que a autonomia e a expressão de cada um constroem-se na “tessitura de relações” ora de forma mais dialógica, ora não. Reconheço que o Conselho de Escola como mecanismo de participação pode oferecer contribuições para a comunidade escolar, mas a ampliação dos diversos mecanismos de participação a partir do que já está sendo feito na escola ainda é o mais importante.

Estas colocações sobre o Programa ainda não me permitem tecer considerações sobre este material, mas sim, confrontar alguns aspectos da gestão do Fernando Magalhães, a participação dentro e fora das paredes da escola e as sugestões propostas por este Programa.

.....

Sobre o(a) autor(a):

Clarissa B. Craveiro: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação [ProPEd/UERJ].